

**O PÓS-MODERNISMO NA LITERATURA E NOS ESTUDOS
ORGANIZACIONAIS: MANIFESTAÇÕES E CARACTERÍSTICAS**

**POST-MODERNISM IN LITERATURE AND ORGANIZATIONAL STUDIES:
MANIFESTATIONS AND CHARACTERISTICS**

Adriano Silveira Mastella

Universidade do Vale do Itajaí-Univali e Instituto Federal Catarinense-IFC
asmastella@yahoo.com.br

Christiane Kleinubing Godoi

Universidade do Vale do Itajaí –UNIVALI
chriskg@univali.br

Submissão: 01/11/2015

Aprovação: 08/05/2017

RESUMO

Este ensaio tem a intenção de analisar as características do paradigma pós-moderno presentes simultaneamente nos estudos organizacionais e no campo da literatura. As características analisadas são: a) a paródia, o pastiche e a ironia; b) as identidades fragmentadas; c) a hiper-realidade - substituição do mundo real em que as simulações têm precedência sobre a ordem social contemporânea e; d) a queda das grandes narrativas. Para tanto, são tomados como exemplo a serem analisados textos produzidos no campo dos estudos organizacionais e outros do campo literário. Após a análise da manifestação de cada característica definida, desenvolve-se um painel demonstrativo das reflexões. A finalidade última deste ensaio reside em, ao analisar os antecedentes literários do pós-modernismo nos estudos organizacionais, constituir-se como um exercício de prática de ensino da epistemologia nas organizações.

Palavras-chave: Pós-modernismo; estudos organizacionais; literatura.

ABSTRACT

This essay intends to analyze the characteristics of the postmodern paradigm simultaneously present in organizational studies and the field of literature. The features analyzed are: a) to parody, pastiche and irony, b) fragmented identities c) hyperreality - substitutions of the real world in which the simulations take precedence over the contemporary social order and d) the decay of grand narratives. Therefore, are taken as an example to be analyzed texts produced in the field of organizational studies and other literary field. After the analysis of expression of each feature set, it develops a panel statement of reflections. The finality of this essay is analyzing the antecedents literary of postmodernism in the organizational studies, to constitute an exercise in teaching practice epistemology in organizations.

Key-words: Post-modernism; organizations studies; literature.

1 INTRODUÇÃO

O pós-modernismo pode ser interpretado por vários como uma época, uma perspectiva, um novo paradigma do pensamento (CHIA, 1995), ou uma epistemologia distinta que sustenta o debate corrente (HASSARD, 1994). Ele também pode ser discutido como sendo uma reação ao alto modernismo ou às grandes narrativas ou a racionalidade e linearidade da modernidade. No entanto, alguns questionam sua própria existência ou utilidade (JAMESON, 2006). Trata-se de um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia: seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia (BUTCHEON, 1993). Featherstone (1990) complementa que o termo pós-modernismo tem sido utilizado em uma ampla diversidade de campos artísticos, intelectuais e acadêmicos, tais como: na música, na arte, na ficção, no cinema, na fotografia, na arquitetura, na teoria crítica literária, na filosofia, na antropologia, na sociologia e na geografia. Sob a luz de pensadores como Foucault, Lyotard, Habermas, Adorno, Jencks, Derrida Baudrillard, Hassan e Jameson, entre outros, começam os vários embates sobre tal controverso paradigma epistemológico.

Para Schultz e Hatch (1996) o pós-modernismo representa um recente desenvolvimento da teoria das organizações via arquitetura, filosofia, linguística, semiótica e crítica literária, podendo ser considerado um movimento crítico, além de uma consistente teoria, um framework ou um paradigma.

A síntese das implicações da vida pós-moderna e os principais sintomas dessa mutação atual são elaborados na obra de Dufour (2000). Uma época que viu o desaparecimento das forças nas quais a modernidade clássica se apoiava. Época caracterizada pelo esgotamento e pelo desaparecimento das grandes narrativas de legitimação, especialmente a narrativa religiosa e a narrativa política. Assistimos ao fim das grandes ideologias dominantes, à desaparecimento das vanguardas, dos progressos da democracia. Observamos o desenvolvimento do individualismo, a diminuição do papel do Estado, a supremacia da mercadoria, o reinado do dinheiro, a sucessiva transformação da cultura, a massificação dos modos de vida e a exibição das aparências. O achatamento da história, no imediatismo dos acontecimentos e na instantaneidade informacional; o importante lugar ocupado pelas tecnologias poderosas e, com frequência, incontroladas; a ampliação da duração de vida; a demanda insaciável de plena saúde perpétua; a desinstitucionalização da família; as interrogações múltiplas sobre a identidade sexual; as interrogações sobre a identidade humana; a hesitação do conflito; a desafetação progressiva em relação ao político; a publicização do espaço privado; e a privatização do domínio público, também foram constatados.

O objetivo deste ensaio é realizar uma análise comparativa entre as características do pós-modernismo presentes na literatura e nos estudos organizacionais.

Tais reflexões partiram de artigos literários e do campo organizacional que perpassaram as características: a paródia, o pastiche e a ironia; identidades fragmentadas; hiper-realidade, substituição do mundo real em que as simulações têm precedência sobre a ordem social contemporânea; e a queda das grandes narrativas, trazendo à tona o paradigma pós-moderno para debate e reflexões.

A utilização de textos literários dentro dos estudos organizacionais não é uma novidade no Brasil, pois já foi introduzida por Fischer et al. (2007). No entanto, neste estudo o interesse é a utilização de textos literários como recurso estético para o ensino de administração.

Após esta introdução, o ensaio está estruturado da seguinte forma: na segunda seção é realizada uma revisão teórica acerca do pós-modernismo sob uma ótica filosófica e sociológica; a terceira seção é constituída pelas visões do pós-modernismo nos estudos organizacionais; já na quarta seção estão identificadas manifestações do pós-modernismo dentro dos estudos literários; a seção quinta dedica-se à construção de um painel contendo elementos do pós-

modernismo presentes nos estudos organizacionais e nos estudos literários; na sexta seção são feitas as considerações finais do ensaio, seguidas das referências utilizadas no texto.

Este estudo pretende servir como um ponto de reflexividade para futuros pesquisadores que pretendem trabalhar tal paradigma dentro dos estudos organizacionais e que desejam compreender a transdisciplinaridade pela qual perpassa tal paradigma epistemológico e sua presença nas áreas do conhecimento da contemporaneidade.

2 PÓS-MODERNISMO: discussão preliminar

Não há precisão sobre quanto tempo tem a pós-modernidade. Não há acordo sobre datas, nem consenso sobre o que deve ser datado, assinalam Bauman (1999) e Anderson (1999), ainda que Harvey (1992) a tente situar como surgida pela primeira vez no mundo hispânico, na década de 1930. Sequer a entrada do nosso mundo na modernidade é fixada sem humor, tal como relata Dufour (2000, p. 30), a imprecisão de Braudel: em algum lugar entre 1400 e 1800. Featherstone (1990) aponta que o termo pós-modernismo baseia-se na negação do moderno, um abandono, uma ruptura ou distanciamento perceptível face às características determinantes do moderno, com forte ênfase no sentido do afastamento relativo entre ambos.

Para Johnstone (1987), o termo pós-modernismo tem adquirido fluência, sem ter tido um consenso quanto ao seu significado ou sua legitimidade. Neste sentido o autor propõe três categorias de acordo com as diferentes versões do pós-modernismo: a literária /estética pós-moderna; o pós-modernismo histórico-cultural; e uma teoria pós-moderna.

A reviravolta na civilização – assim chamada por Dufour (2000, p. 46) – desemboca na busca de um modo de vida que articula a mudança permanente em todos os campos: técnico, científico, político, estético, filosófico. Para tanto, posiciona-se Eagleton (1998, p. 7), é preciso entender a pós-modernidade como uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando as normas do Iluminismo, a pós-modernidade vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades.

O pós-modernismo surge como reação às formas estabelecidas pelo alto modernismo que dominava a academia e o mundo das artes, e na tentativa de destroná-lo. Para Jamenson (2006), o pós-modernismo propõe abolir algumas fronteiras como, por exemplo, a distinção entre alta cultura e cultura de massa ou popular e mostra o surgimento do Discurso Teórico como corrente filosófica influenciada pela teoria francesa e principalmente pela obra de Foucault.

Connor (1993) afirma que o termo pós-modernismo somente se cristalizou em meados dos anos 70, mesmo tendo sido utilizado por alguns escritores nas décadas de 50 e 60, quando afirmações a respeito desse fenômeno social e cultural, tão heterogêneo, começaram a ganhar força em algumas disciplinas acadêmicas da filosofia e arquitetura, além de áreas culturais como os estudos sobre cinema e em assuntos literários. Sua legitimidade foi alcançada em cada disciplina que produziu provas, cada vez mais conclusivas, da existência do pós-modernismo em sua própria área de prática cultural.

Os termos pós-moderno, pós-modernismo e pós-modernidade têm sido utilizados e abusados em várias áreas como a arquitetura, teoria literária, política, filosofia, psicologia, sociologia, teologia, geografia, história, economia, antropologia, estudos de mídia e jurisprudências (BROWN, 1993). O pós-modernismo pode ser explicado por três componentes: a incerteza, a ironia e a hiper-realidade (LIN, 2011). Jameson (2006) levanta que o pós-modernismo como uma ideologia, no entanto, é mais bem compreendido como um sintoma das mudanças estruturais mais profundas na nossa sociedade, em sua cultura como um todo ou, em outras palavras, no modo de produção. Segundo Scott (1992) o pós-modernismo e o pós-moderno são termos utilizados para descrever uma filosofia, uma estética e as condições de vida de certo período da história, se caracterizando pela ironia, paródia, alusões, mímicas, formal autoconsciência, fragmentações, repetições e misturas de formas e estilos.

Rejeitando a ideia de progresso, o pós-modernismo abandona todo o sentido de continuidade e memória histórica, enquanto desenvolve uma incrível capacidade de pilhar a história e absorver tudo o que nela classifica como aspecto do presente (HARVEY, 1992).

Hassan (1983) descreve que os tempos pós-modernos são marcados pelo dissenso na cultura da sociedade ocidental. Tais tempos são marcados pela indeterminação que evoca a heterodoxidade, o pluralismo, o ecletismo, a revolta e a deformação, a desintegração, a desconstrução, a descontinuidade, a decomposição, a desmistificação, a deslegitimação e a destotalização.

A explosão da população humana e o atendimento da urbanização da existência aumentam a densidade intelectual do planeta, ampliando as necessidades da mente sem interações físicas, levando à interação de argumentos diferentes e gerando a discórdia na sociedade, que encoraja o sincretismo da cultura e o pastiche dos estilos. E, a mídia apresenta um papel difuso na forma de apresentar suas linguagens para os indivíduos na sociedade, que avança com o capitalismo.

Firat e Venkatesh (1995) discorrem que o pós-modernismo tem como pontos centrais as ideias de cultura, linguagem, estética, narrativas, modos simbólicos, expressões literárias e significados. Sendo que tais fatores apresentam-se como ilusórios e ficcionais, argumentando que as práticas da vida diária são descontínuas, plurais, caóticas, instáveis, com mudanças constantes, fluidas e paradoxais, que melhor definem a condição humana.

O pós-modernismo também rejeita a rigidez das fronteiras das disciplinas, aceitando o ecletismo de pensamentos e práticas. A flexibilidade pós-modernista para Harvey (1992) é dominada pela ficção, fantasia, pelo imaterial, capital fictício, pelas imagens, efemeridade, pelo acaso e pela flexibilidade em técnicas de produção, mercados de trabalho e nichos de consumo. No entanto, ela também personifica fortes compromissos com o ser e com o lugar, e para a política carismática as preocupações com a ontologia e instituições estáveis são favorecidas pelo neoconservadorismo.

Para Ahponen (1990) o pós-modernismo é uma forma extrema que pode ser chamada de um espetáculo ou uma cerimônia de *performance* de um teatro social, onde realidade e hiper-realidade são possíveis eventos trazidos pelas imagens da mídia produzidas para o marketing do lazer ou mundo de prazer. Este mundo hiper-real é totalmente imaginário e marcado pela neutralidade do sujeito.

Elementos do conhecimento pós-moderno são introduzidos por Hassard (1994): a representação consiste em descobrir a ordem genuína das coisas que podem ser consideradas ingênuas e equivocadas; a reflexividade, habilidade de ser crítico nas suposições intelectuais; a escrita, linguagem vista como independente do mundo real objetivo; a diferenciação consiste em refletir, mas não capturar o processo de desconstrução; a descentralização do sujeito definida através de uma visão logocêntrica do agente humano representando holisticamente e claramente o universo cognitivo.

Best e Kellner (1997) asseveram que as teorias-chave do pós-modernismo argumentam que a sociedade contemporânea constitui uma ruptura com o prévio caminho de vida, trazido pelo fim da era moderna. E isto, acontece através de suas novas tecnologias, de diferentes formas de cultura e experiências, além de atrativas transformações econômicas, sociais e políticas.

O pós-modernismo tem como função correlacionar o surgimento de novos aspectos formais na cultura com o surgimento de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica, podendo ser denominada como: modernização, sociedade de consumo pós-industrial, sociedade da mídia e do espetáculo ou o capitalismo multinacional (JAMESON, 2006). Neste sentido estamos diante de uma nova forma de sociedade, na qual necessitamos ter um novo olhar para analisarmos os fenômenos que ocorrem.

Este período pode ser marcado por uma nova ordem internacional com o Neocolonialismo, a Revolução Verde e a disseminação dos computadores e das informações eletrônicas e que pode ser, ao mesmo tempo, tanto instaurada ou abalada pelas suas próprias contradições internas, quanto pela resistência externa (JAMESON, 2006).

O pós-modernismo não tenta se legitimar pela referência ao passado, e traz à tona a ala de pensamento (Nietzsche em particular) que enfatiza o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ele e o pensamento racional (HARVEY, 1992). Para Maffesoli (2004) o pós-modernismo está ligado à filosofia do “kairos”, que enfatiza as ocasiões e as boas oportunidades, onde a vida não passa de uma sucessão de instantes eternos a que convém viver o aqui e agora, da melhor maneira possível, enquanto na modernidade o passado servia de referência e o futuro era pautado no pensamento iluminista. Dessa forma o pós-modernismo traz a tona à importância de se viver o presente, o aqui e agora. A queda da ilusão da modernidade de se ver o futuro como uma referência e algo consagrado, traz o pós-modernismo, que denota a vida presente (o aqui e agora) sem as ilusões de um futuro redentor.

Na perspectiva de Pescosolido e Rubin (2000) o pós-modernismo contribui para a criação de um novo paradigma social e cultural, surgindo como esperança para compreensão das circunstâncias contemporâneas em relação aos limites do modernismo e, concomitantemente, vem superar o limite dos métodos utilizados para tratar tais circunstâncias. Este tem identificado um problema real nas análises sociológicas da vida social e das ciências sociais que eram anteriormente ignoradas. Hicks (2011) corrobora que os elementos mais importantes da trajetória pós-modernista são o profundo ceticismo quanto à razão e o subjetivismo e relativismo que dele decorrem. Alastuey (2003) coloca também o subjetivismo, a autenticidade e a emoção como fatores de destaque do universo pós-moderno. A perspectiva pós-moderna está presente através de uma análise da experiência estética de consumo da vida cotidiana provocando *insights* da realidade social para a compreensão deste contexto estético (CHARTERS, 2006).

Antônio (2000) destaca, em seus estudos, que os pós-modernistas amplificam o desencantamento com a ciência e a racionalidade, convivendo com problemáticas como degradação ambiental, exclusão social e a homogeneização. Em seu programa, tais estudos abandonam a verdade, clamando por uma visão social e científica exclusivamente como narrativas que rejeitam as referências da realidade, e a objetividade não se apresenta como fator decisivo para a validação de teorias. Além disto, encontramos o abandono da ideia de vanguarda e do gênio individual, a diminuição de movimentos coletivos e combativos de inovação como emblema de originalidade (“os ismos”). Isso, pois, o universo pós-moderno não é de delimitação, mas de mistura, de celebração do cruzamento, do híbrido, do *pot-pourri* (ANDERSON, 1999).

O pós-modernismo não pode ser pensado como um modo de análise crítica e revelador de ironias, intertextualidades e paradoxos. As tentativas para imaginar uma teoria de sociedade pós-moderna ou para delinear o papel do pós-modernismo na ordem social são, essencialmente, esforços vãos de totalização e sistematização (FEATHERSTONE, 1990).

Vivemos em um mundo em que se pode ser viciado em qualquer coisa (drogas, álcool, café, exercícios, esporte, cinema, sexo ou amor, anorexia), “o vício é qualquer coisa sobre qual sentimos que temos de mentir” (SCHAEFF *apud* GIDDENS; BECK; LASCH, 1997, p. 90). O vício nos mantém fora de contado com nós mesmos (nossos sentimentos, moralidade, consciência – nosso processo de vida) e as relações com os outros também tendem a ser, da mesma forma, obsessivas, em vez de livremente iniciadas, conforme descrevem Giddens, Beck e Lasch (1997), de forma não otimista, o cenário da psicossomática pós-moderna. E, complementam os autores: vivemos na sociedade da separação e do divórcio. Uma pessoa pode se mover e olhar para qualquer olhar. Maffesoli (2006, p.153) condensa a questão, ao analisar que a modernidade, ao mesmo tempo em que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-as, em parte, de todo conteúdo real.

Para Villari (2004) o pós-moderno marca presença na medida em que sofremos de uma profunda heterogeneidade social, onde a concentração de renda distancia os polos sociais, ao qual se acirra o caráter fragmentário desta época: no mesmo espaço urbano dispomos da fome e das trufas, do analfabetismo crônico e da biblioteca virtual.

Vieira e Caldas (2006) ressaltam algumas características da era pós-moderna, tais como a dissipação da objetividade e da racionalidade; a espetacularização da sociedade; a cultura de massa; a volatilização e transitoriedade das coisas; o indivíduo tendo o papel social de consumidor; e a comoditização do conhecimento. Bauman (1999) complementa tais características pela consciência pós-moderna de que não há nenhuma saída certa para a incerteza; de que a fuga à contingência é tão contingente quanto a condição da qual se busca fugir.

A virada dita pós-moderna – momento em que uma parte da inteligência do capitalismo se pôs a serviço da *redução das cabeças* –, para utilizar uma das principais expressões dufourianas, tem como último aspecto do substrato epistemológico a importância que a imagem passa a assumir na constituição do sujeito e da sociedade, conhecida como sociedade do espetáculo.

Todavia, Dufour (2000) pergunta-se se o Mercado não passou a constituir-se o novo grande Sujeito, em virtude de que a narrativa que glorifica a mercadoria é a narrativa dominante atualmente. O interessante em todo o raciocínio de Dufour sobre a constituição do não-sujeito é que a mercadoria deve, para ele, poder funcionar no quadro da economia pulsional. Essa questão pulsional será aprofundada, posteriormente, na ocasião da questão do sujeito psicanalítico. Mas essa conexão das duas economias – de mercado e pulsional – é, afinal, o que explica a força e o domínio atual da narrativa da mercadoria. Poderíamos dizer que não haveria mercadoria e consumo sem desejo. Trata-se, em suma, de pôr, diante de cada desejo (por definição sem objeto), um objeto industrializado encontrável no mercado dos bens de consumo. Na narrativa da mercadoria, cada desejo deve encontrar seu objeto, encerra o autor.

O sujeito pós-moderno é conceituado por Hall (2006) como alguém que não tem uma identidade fixa ou permanente, é transformado pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Para Maffesoli (2006), o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas em um Eu coerente. Tal visão é reforçada com a característica de socialidade onde a pessoa representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos que participa. Este sujeito pós-moderno é aquele que o corpo se integra na sua identidade, sendo esta uma das preocupações mais recorrentes do pensamento pós-moderno (EAGLETON, 1998).

O processo de constituição do indivíduo pós-moderno representa, em todos os domínios, a paixão comunitária. Trata-se do que Maffesoli (2006, p.15) denomina de a saturação do sujeito, subjetividade de massa, ou ainda de narcisismo de grupo. Essa expressão maffesoliana de saturação do sujeito será aqui posteriormente retomada na compreensão do conceito de tribos (onde não há mais sujeitos, mas pessoas). A história da filosofia ocidental narrada por Dufour (2000) e por Eagleton (1998) é, de um modo geral, a narrativa desse sujeito completamente autônomo, ao contrário do sujeito disperso, dividido da ortodoxia pós-moderna recente. Surge aqui, novamente, a dicotomia clássica, reforçada também pela psicanálise, entre indivíduo (autônomo) e sujeito (dividido). O sujeito pós-moderno aproxima-se, então, do sujeito dividido, fragmentado da psicanálise. É preciso considerar que essa cisão do sujeito – provocada pelo recalque – já era constitutiva do sujeito moderno freudiano. Cabe lembrar também que a tradição liberal não tem necessidade alguma de postular um individualismo ontológico. Apesar de ser esta uma discussão epistemológica, conforme Dufour (2000), qualquer liberal razoavelmente sofisticado pode concordar que o sujeito é culturalmente construído e historicamente condicionado.

Chia (1995) menciona que algumas tentativas distintas para aludir esforços, e ainda, inadequadamente, de elaborar um estilo cognitivo e uma lógica discursiva, é o que pode melhor expressar e elaborar o complexo, paradoxo e efêmero aspecto da condição humana, que tem sido negada e legitimada com a dominância dos códigos de expressão que continuam a circunscrever o pensamento científico e social contemporâneo. Para Fox, Cooper e Martinez (1992), várias esferas e camadas da condição pós-moderna questionam tanto organizações

como indivíduos. O que é identidade, cultura, individualidade, agência, personalidade, contrato legal, contrato social, soberania, noção de estado, interação, transação, comunicação, troca, representação política, valores fundamentais, preço da arte, posse, propriedade, liberdade, racionalidade, insanidade, paixão, esquizofrenia?

O debate que foca a natureza do discurso e o papel dos sistemas sociais é apresentado por Cooper e Burrell (1988) com o discurso pós-modernista que analisa a vida social em termos dos paradoxos e da indeterminação, através da rejeição do agente humano como centro de um controle racional e de compreensão. Além disto, Boisot e McKelvie (2010) declaram que as estratégias pós-modernas problematizam o relacionamento dos atores observados no fenômeno que tem na linguagem a sua mediação.

3 PÓS-MODERNISMO NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Desde 1970 as ciências sociais, incluindo os estudos organizacionais, têm sido influenciadas por diversas perspectivas teóricas chamadas de reflexivas através da constituição de aspectos teóricos, institucionais, sociais e políticos. Neste sentido, o pós-modernismo tem sido uma destas perspectivas que aparece com alguns fatores que seriam a preocupação com linguagem e representação, além da reconsideração da subjetividade e do poder (CALÁS; SMIRCICH, 1999). Ele pode ser compreendido também como a noção de mudanças radicais nas organizações da sociedade moderna, e o desenvolvimento de uma teoria organizacional partindo de uma simples reflexão sobre mudanças de realidades empíricas (KREINER, 1992).

O pós-modernismo nos estudos organizacionais enfatiza tradicionalmente as análises das estruturas, culturas, gêneros e éticas nas organizações, bem como enfatiza uma miríade heterogênea que interliga micropráticas organizacionais com a coletividade, gerando efeitos em indivíduos, organizações e sociedade (CHIA, 1995). O pensamento pós-moderno é encorajado a pensar a diferença, não necessariamente uma mudança dramática, mas visualizar a mudança como uma série de pequenas rupturas rumo ao inevitável progresso. Neste sentido aspectos relacionados à comunicação, a negociação e ao relacionamento são fatores inerentes às organizações pós-modernas (PÉRON; PÉRON, 2003).

Muitas das teorias organizacionais contemporâneas não são favoráveis à ideia de organizações como máquinas racionais, as análises enfatizam os sistemas humanos e ações (ALVESSON, 1995). Weiss (2000) coloca que o pós-modernismo é um movimento intelectual originário da área de humanidades, que recebeu considerável atenção na literatura da teoria das organizações. Enquanto que Parker (1995) aponta a contribuição dos debates estimulados pelo pós-modernismo para o desenvolvimento de uma crítica à teoria das organizações.

As preocupações de tornar o paradigma pós-moderno possível em relação ao desenvolvimento teórico e prático, e a visão de que a organização não é uma abstração distanciada, mas uma expressão de nossas relações diárias, estão presentes nas análises de Franklin (1998).

O pós-modernismo surgiu como um movimento intelectual nas ciências humanas, e teve considerável atenção na literatura da teoria das organizações. A radical oposição ao modernismo e a relativização da verdade, não vista apenas por uma ótica racional, sistemática e objetiva marcam tal paradigma (WEISS, 2000).

Kilduff e Mehra (1997) ressaltavam algumas problemáticas advindas do pós-modernismo nos estudos organizacionais como a subjetividade do objeto de estudo; a possibilidade de os textos científicos apresentarem considerações estéticas; os estudos em ciências sociais não são generalizáveis; a problematização da verdade, que pode ser vista de modo diferente por cada comunidade linguística; e a postura crítica do paradigma enquanto ciência. Os autores levantam fatores que distinguem tal visão paradigmática dos outros olhares presentes, anteriormente, nos estudos organizacionais.

Calás e Smircich (1999) destacam que as temáticas abordadas pelo pós-modernismo nos estudos organizacionais relacionam-se: à queda das grandes narrativas; à indecisão dos significados; às crises de representação; e, à problematização dos temas e autores que, particularmente, influenciam a teoria das organizações a se tornar mais reflexiva na construção do conhecimento.

Na pesquisa realizada por Bogason (2001) encontramos o debate sobre pós-modernismo na administração pública, que nos anos 90 foi pautado por quatro grandes temas: o construtivismo social; o pragmatismo; a desconstrução e a análise narrativa; e, a teoria quântica.

Nos estudos organizacionais é frequente a utilização de metodologias desconstrutivas para a crítica de elementos da modernidade, por meio de análise de discursos e narrativas. Além disto, metodologias como as análises genealógicas e historiográficas, inspiradas por Foucault, também estão presentes, reforçando essas críticas (VIEIRA; CALDAS, 2006).

Outro aspecto relacionado aos estudos organizacionais foi observado por Cooper e Burrell (2007), onde os resultados de suas pesquisas revelam a divisão dicotômica funcionalista criada entre formal e informal. O pensamento pós-moderno mostra que um reflete o outro, jamais podendo ser separados, eles não apenas se definem mutuamente, mas pode-se dizer que são o mesmo, são autorreferenciais. Enquanto que Chia (1995) afirma que o comprometimento com o modo de pensamento pós-moderno implica em radicais consequências aos estudos organizacionais, tais como a ênfase na miríade das heterogêneas micropráticas que coletivamente geram efeitos para os indivíduos, organizações e sociedade.

Outras características pertinentes ao pós-modernismo são elencadas por Alvesson e Deetz (2010) tais como a centralidade do discurso, onde são enfatizados os poderes constitutivos de linguagem e os objetos naturais são vistos como discursivamente produzidos; identidades fragmentadas, ênfase na subjetividade como um processo e a morte do indivíduo autônomo como centro do universo social; a crítica da filosofia da presença, posição que entende como ilusória a representação e presença dos objetos; perda dos fundamentos e do poder das grandes narrativas, grupos dominantes perdem a segurança e certeza da subordinação; a conexão, o poder e o conhecimento, trazem ao conhecimento a perda do senso de inocência e neutralidade; hiper-realidade, substituição do mundo real em que as simulações têm precedência sobre a ordem social contemporânea; pesquisa como resistência e indeterminação, na qual se utiliza de ironias e jogos ao invés da racionalidade, previsibilidade e ordem.

A influência econômica e cultural do ocidente sobre o resto do mundo indica tendências pós-modernas em nível global. Estudos pós-modernos e as possibilidades de influência no marketing e nas organizações podem ser observados como um fenômeno específico (FIRAT, 1992). A hegemonia de um discurso pós-moderno na intelectualidade envolve o uso de termos como mudança, complexo e novo; e frequentemente está associado às pesquisas de consumo com um enfoque naturalista e interpretativista (BROWN, 1993).

Na teoria organizacional Schultz e Hatch (1996) colocam que os desafios pós-modernos, suas questões teóricas e metodológicas assumem e pontuam as conexões entre a essência do paradigma pós-moderno e o trabalho moderno. Enquanto que Knights (1997) mostra que as implicações do debate para a análise organizacional exploram mais fortemente *insights* pós-modernos e desconstrucionistas que têm para oferecer, e ao mesmo tempo descartar, o que simplesmente é incompatível com a unidade, dualismo ou pluralidade de perspectivas.

Os pós-modernistas têm uma predileção para investigar aspectos caóticos do fenômeno organizacional, focando processos subversivos, instáveis, descontínuos, e tradicionalmente ignorados como qualidades secundárias das organizações (TSOUKAS, 1992). Para Marshak e Grant (2008) a ênfase do pensamento pós-moderno foca no processo que constrói significados sociais comuns e concorda com o contexto organizacional que existe, não apenas na realidade objetiva, mas nas realidades múltiplas que devem oferecer compreensões alternativas do fenômeno organizacional.

Com relação às características aplicadas ao discurso organizacional pós-moderno, Kreiner (1992) aponta o confronto geral, narrativa *master* sobre a organização como uma máquina tecnicamente racional e a reiteração do assassinato da jaula de ferro burocrática, do homem econômico e do homem organizacional; o pastiche de ideias, metáforas, perspectivas, fragmentos de modelos compondo caminhos idiossincráticos; o diluir as regras do jogo para o discurso de que todas as verdades competem em um mercado onde o poder, o *fashion* e a aventura devem ser parâmetros mais importantes do que o odor científico; a teoria organizacional como uma disciplina científica que especialmente não clama por uma verdade sobre uma realidade empírica, que se torna distante, elusiva e desconstruída; e o sonho que a ciência possa contribuir para que se tenha um futuro melhor, erradicando a ignorância.

4 PÓS-MODERNISMO NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

A pós-modernidade reverbera um hoje fragmentado e indeterminado que está associado ao pós-moderno modo de vida contemporâneo. Isto aparece na ficção pós-moderna, onde a ruptura do espaço triunfa sobre a coerência da perspectiva narrativa (KERDEMAN, 1999). A prática corrente, que é chamada de Metaficção, pode providenciar o mais convincente exemplo da estética pós-moderna (JOHNSTONE, 1987).

Além disto, o texto literário foca suas análises sob o prisma de uma significação cultural e estética igualmente ampla, mostrando as relações dos seres humanos com o micro e macrocosmos cultural, interpretando o texto de modo a abrir as fronteiras intersubjetivas para a compreensão do mundo em que vivemos (CYNTRÃO, 2007).

O pós-modernismo é um conceito visto nas artes e em outros discursos. Na visão de Natoli e Butcheon (1993), a chamada pós-modernidade abriu caminho para uma nova contra-disciplinaridade que domina os estudos culturais, com uma distinta metodologia que investiga áreas como a história dos estudos culturais, gênero e sexualidade, nacionalismo e identidade nacional, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnia, cultura popular e a sua audiência, ciência e ecologia, identidades políticas e pedagogia, entre outras.

Para Palmer (1977) o pós-modernismo na Teoria Literária está de acordo com uma rejeição ao estético do modernismo como o estático e o logocêntrico, e faz um novo início de forma literária rejeitando todo o patrimônio do humanismo. Além disto, o lugar do homem como centro das coisas, da razão ao homem melhor desejar o poder da irracionalidade, da natureza que essencialmente separa a alienação do ser homem.

A arte e a cultura no pós-modernismo têm como base o entendimento de Prysthon (2003) que consubstancia os filósofos franceses da década de 60 (Focault, Derrida, Barthes, Guattari, Deleuze, Baudrillard e Lyotard) e lidava com objetos, perspectivas e graus de complexidade muito diferentes entre si. Eles chegaram a analisar discursos e sociedades sob o filtro de noções como o descentramento, a fragmentação dos sujeitos e das experiências, a esquizofrenia e a micropolitização social, entre outros.

Connor (1993) destaca que apesar disto, a teoria literária pós-moderna apresenta um sentido dual composto de conjunto dominante de ideias e práticas críticas. A partir de uma teoria dominante de literatura contemporânea, pode vivenciar e projetar-se numa espécie de crise eufórica. Entretanto, interpretar suas ações apenas nestes termos é cometer o erro comum de só atentar para o conteúdo manifesto da teoria, em vez de avaliar seus efeitos discursivos, é ver o que ela diz e não o que ela faz.

Na literatura pós-moderna Groenke e Youngquist (2011) citam variados temas que permeiam o pós-modernismo: identidade, ecletismo, ambiguidade e não linearidade estão mais presentes, tanto na literatura jovem quanto na adulta. Uma das formas literárias que surgem é a bricolagem, que seria uma coleção bagunçada de elementos díspares que comunicam uma

pluralidade e não uma unidade, incluindo signos da cultura popular e da mídia. Tal forma mostra o hibridismo presente em tal paradigma dentro dos estudos literários.

De acordo com Butcheon (1993), o termo pós-moderno na literatura costuma se referir à metaficção de gênero. Este, que não visa fazer reflexões acerca da realidade ou dizer alguma verdade a respeito. A autora destaca também a importância coletiva da prática paródica e sugere uma redefinição da paródia como uma repetição com distância crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança.

A paródia é frequentemente chamada de cotação irônica, pastiche, apropriação ou intertextualidade, que é usualmente considerada ponto central do pós-modernismo. Além disto, ela aparece como uma reprodução, onde a noção de originalidade é rara, e trabalha políticas de representação (BUTCHEON, 2003).

Geyh (2003), em seus estudos literários, ao discutir o pós-modernismo em seus aspectos teóricos e culturais, se ressentido de elementos mais acessíveis ao grande público. Para fazer tais *links* com este público será necessário relacionar elementos do consumo que fazem parte do cotidiano das pessoas. Neste sentido, o fato de faltar uma maior aproximação da massa e uma linguagem mais acessível, surge como uma crítica ao pós-modernismo.

5 ANÁLISE DAS MANIFESTAÇÕES

A paródia, o pastiche e a ironia serão as características trabalhadas no painel, bem como as identidades fragmentadas, hiper-realidade, substituição do mundo real em que as simulações têm precedência sobre a ordem social contemporânea e a queda das grandes narrativas. Veremos alguns exemplos de autores que apresentam tais características tanto nos estudos organizacionais como nos estudos literários, no Quadro 1.

Quadro 1 - Estudos organizacionais e literários que apresentam características pós-modernas

Características	Estudos Organizacionais	Estudos Literários
Paródia, pastiche e ironia	Faria e Carvalho (2006)	Cesca e Gonçalves (2009)
Identidades fragmentadas	Alves e Galeão Silva (2000)	Papoula (2009)
Hiper-realidade	Castelo e Carvalho (2004)	Amaral (2003)
Queda das grandes narrativas	Hassard, Tonelli e Alcadipani (2000)	Garcia (2005)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os textos do campo organizacional foram escolhidos diante de uma revisão dos principais eventos de estudos organizacionais, que operam com uma visão mais livre como: o EnANPAD e o EnEO, e os principais periódicos nacionais superiores a B2, que também se caracterizam com uma visão mais livre e abrangente.

Os textos do campo literário foram escolhidos diante de uma seleção de obras de ficção, conceituais ou críticas que pautam o termo pós-modernismo em bases de dados acadêmicas da área.

Na sequência veremos o detalhamento das características nos textos apresentados no Quadro 1.

5.1 Paródia, Pastiche e Ironia

Para Jameson (2006), a paródia e o pastiche caracterizam-se pela imitação ridicularizada, enquanto que a ironia seria uma das características utilizadas na construção das paródias e pastiches, sendo práticas significativas do pós-modernismo.

O pastiche é um exemplo da forma mais adequada da expressão estética pós-moderna, e tal forma se refere a um fator essencial da vida cultural (AHPONEN, 1990). Para Jhonstone (1987), a literatura pós-moderna se utiliza da paródia e da sátira através do pastiche, que pode ser compreendido como um tipo de paródia ou imitação, motivado por um objeto particular de escárnio.

Dentre os estudos organizacionais analisados, verifica-se no texto de Faria e Carvalho (2006) a análise de três tradições teatrais importantes no mundo das máscaras – *O Topeng Pajegan* balinês, a *Commedia dell'Arte* italiana e a arte circense dos palhaços. Para ilustrar a presença da paródia, pastiche e ironia no texto de Faria e Carvalho (2006) apresenta-se um cotejamento entre os personagens da *Commedia dell'Arte* com os personagens do contexto organizacional, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Cotejamento dos personagens da *Commedia dell'Arte* com os personagens organizacionais

Personagens da <i>Commedia dell'Arte</i> de Faria e Carvalho (2006)	Principais características do personagem na obra de Faria e Carvalho (2006)	Personagem(ns) encontrados no contexto organizacional
Pantaleão	Autocentrado, egoísta, conservador, preocupado com dinheiro.	Estrategista centralizador e sem consciência social.
Doutor	Falsamente erudito, chega sempre às conclusões óbvias.	Audidores, consultores, e especialistas.
Capitão	Prepotente, arrogante, contador de vantagens, mentiroso.	Burocratas, 'gestores narcisistas' ou em 'cargos de confiança'.
Arlequim	Astuto, atento aos jogos de poder, orientado para interesse próprio.	Carreiristas, assessores próximos ao alto escalão, chefes de equipe.
Briguela	Inescrupuloso, falso e bajulador, menospreza seus pares.	Profissionais corruptos, vendedores deformados por sistemas de metas, puxa-sacos contumazes.
Polichinela	Desanimado, deprimido, desajustado e vitimizado, sente-se usado pelos outros.	Funcionários tidos como 'fracos' ou que não 'vestem a camisa'.
Enamorados	Ingênuos, não muito brilhantes, explorados pelos mais velhos.	Novos empregados, estagiários, <i>trainees</i> .

Fonte: Adaptado de Faria e Carvalho (2006).

No Quadro 2, observa-se o cotejamento, que é uma comparação que trata de uma paródia da vida organizacional, onde a ironia é um fator deliberadamente evidenciado. Dessa forma, percebe-se um traço claro do pós-modernismo presente em tal texto.

Nos estudos literários as paródias, pastiches e ironias são encontradas em textos como *A revanche de Capitu*, de Cesca e Gonçalves (2009); e *Enquanto isso em Dom Casmurro*, de Machado de Assis (MARTINS, 2009). No primeiro, a obra pode ser analisada sob uma perspectiva pós-moderna; no segundo, do autor catarinense José Endoença Martins, verifica-se que é claramente uma paródia do texto *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, como se observa no trecho a seguir:

Em *Enquanto isso em Dom Casmurro*, ao mesmo tempo em que o autor dá voz a uma das principais personagens da Literatura Brasileira, a Capitu, de Machado de Assis, utiliza-se desta prática para construir uma nova narrativa, pós-moderna, divertida, rica em metalinguagem, intertextualidade direta com o romance Machadiano, esbanjando temas contemporâneos, como a homossexualidade, as drogas, a mulher nos anos 90, questões sociais e raciais da sociedade altamente industrial massificada e como o indivíduo está subordinado aos meios de comunicação (CESCA; GONÇALVES, 2009, p.2-3).

Neste trecho, observa-se não só a presença da paródia nessa obra literária, mas, além disso, a presença da narrativa pós-moderna com suas várias características e temáticas.

5.2 Identidades Fragmentadas

Esta característica para Jameson (2006) está presente a partir da destruição da visão de um sujeito autônomo e autossuficiente do modernismo, mostrando-se assim um sujeito fragmentado em um mundo onde se perdem as referências espaciais e temporais. Nooteboom (1992) levanta que a ideia básica da pós-modernidade está em que o indivíduo não tem consciência autônoma, mas necessita de uma interação comunicativa com os outros para desenvolver suas identidades, sendo que os significados não são dados antes da comunicação, mas surgem a partir dele e são dependentes de um contexto, no qual não há o universal e permanente, e sim o local e temporário de significado do consenso e das regras do jogo que continuamente quebram e deslocam o processo de diferenciação e mudança. Firat (1992) mostra que o pós-modernismo tem perdido a fé sobre a unidade e totalidade, reforçando a ideia de que a vida é fragmentada em momentos. Tal fragmentação dos indivíduos fica evidente nas experiências de vida de consumo.

No Quadro 3 apresentam-se os trechos dos estudos organizacionais de Alves e Galeão-Silva (2000) e Papoula (2009).

Quadro 3 - Trechos das obras que demonstram a presença das identidades fragmentadas

Estudos organizacionais	Trechos das obras que demonstram a presença das identidades fragmentadas
Alves e Galeão-Silva (2000)	<p>“... a criação de ideologias gerencialistas que sustentam essas transformações e as implicações psicológicas na construção da identidade dos indivíduos que vivem dos diversos contextos organizacionais.”</p> <p>“ Um dos principais prejuízos dessas mudanças não é a necessidade de reprofissionalizar uma parcela da população, mas as dificuldades em formar uma identidade consistente ao invés de uma mera fachada para a adesão a qualquer modismo.”</p>
Papoula (2009)	<p>“ ...E, se há fragmentação em todo o narrar, não poderia ser diferente com aquele que é responsável por esse narrar. Uma leitura atenta de <i>O bosque harmonioso</i> permite que vejamos, na principal figura do romance – o narrador, Arnaldo Cunha –, a imagem de um ser instável, que experimenta as contradições de um eu fragmentado e que busca na escrita o instrumento autognóstico para resolver sua crise existencial.”</p> <p>“No capítulo 48, declara claramente sua crise de identidade: "De repente, olhando para mim, sinto um grande vazio. Como se eu não existisse, como se nada pudesse dar, precisamente porque não existo. Dolorosamente" (OBH, p. 60). Por não conhecer seu "eu profundo" (OBH, p. 19), o narrador também não sabe que sua identidade não é fixa, mas fracionada em muitos "eus" partidos. Apesar de declarar a "unidade ilusória" (OBH, p. 124)”</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No Quadro 3, observa-se no texto de Alves e Galeão-Silva (2000) a presença do sujeito fragmentado e angustiado que busca construir sua identidade e não encontra referências.

Para tanto, no texto de Papoula (2009) encontra-se uma leitura crítica do romance português *O Bosque Harmonioso* de Augusto Abelaira, que apresenta típicas características do pós-modernismo. Percebe-se ainda, a presença das identidades fragmentadas de um sujeito confuso e incerto que estão marcadamente presentes, mostrando assim a clara presença de traços pós-modernos em tal obra literária.

5.3 Hiper-realidade

O conceito de hiper-realidade é entendido por Alveson e Deetz (2010) como a substituição do mundo real em que as simulações têm precedência sobre a ordem social contemporânea. Para Jameson (2006) este conceito perpassa pela transformação da realidade em imagens.

Baudrillard (2002) aponta que na era pós-moderna o virtual se opõe ao real, mas sua repentina emergência se ampara nas novas tecnologias, que oferecem a sensação de dissipação e fim. Assim, o real tem sido uma forma de simulação, portanto não existe. E o virtual é uma hipérbole da tendência de passar do simbólico ao real, que seria um grau zero, abarcando a noção de hiper-realidade. Estamos na era da hiper-realidade, onde empresas hiper-reais operam produtos sem materialidade (THIRY-CHERQUES, 2010). Firat (1992) aponta a dominância da dicotomia entre a propaganda e o concreto; o virtual sobre o real; o objetivo sobre o subjetivo; consumo sobre produção; o imaginário sobre o real; e a imagem sobre o produto caracterizando esta condição hiper-real.

Tal característica descreve o radical desenvolvimento da sociedade pós-moderna, pois a hiper-realidade se refere à condição da pós-modernidade onde sinais, imagens ou modelos não estão associados a fatos ou realidades aparentes materiais e objetivas ou idealmente romântica, e sim a uma realidade distorcida, escondida ou criada (SURYANINGRUM; ANWAR, 2012).

O estudo organizacional de Castelo e Carvalho (2004), mostra a relação entre *reality shows* e as organizações focando a espetacularização e a hiper-realidade, de acordo com os trechos a seguir:

Em programas de *reality show*, os produtores procuram deter o controle das “cenas” que acontecem entre os participantes, de modo a gerar situações que atraem audiência. Para isso, utilizam-se da tecnologia de câmeras e microfones, da configuração espacial dos cenários, de prêmios intermediários ou benefícios concedidos apenas a alguns participantes, entre outras estratégias, para gerar ciúmes, inveja, brigas, paixões, intrigas e muitas outras situações que vão ao encontro de seus objetivos. (CASTELO; CARVALHO, 2004, p. 10).

“Nota-se, contudo que o “jogo” pós-modernista canaliza as tensões – rancor, inveja, provocação e ciúme – para a potencialização da atividade empresarial, principalmente por meio da manipulação de sentimentos e interesses individuais (COOPER; BURRELL, 1988; MORGAN apud CASTELO; CARVALHO, 2004, p. 10).

Diante dos trechos expostos, percebe-se que a hiper-realidade está presente tanto nos *reality shows* como nas organizações, onde a manipulação da realidade ocorre demonstrando as características pós-modernas presentes em tais ambientes.

Em contrapartida, nos estudos literários a hiper-realidade está presente no gênero *Cyberpunk* que é discutido por Amaral (2003), segundo os trechos a seguir:

A visão *cyberpunk* reconhece o enfraquecimento do espaço público e o aumento da privatização da vida social, na qual os laços sociais fortes não existem mais. Para os autores, nesse espaço público as pessoas são tecnologizadas e reprimidas ao mesmo tempo, sendo que a tecnologia media nossas vidas sociais. É ainda mais fácil de perceber tais características nas imagens mostradas nos produtos culturais como videoclipes, filmes, livros, comerciais, todos enfatizando a interação e interface homem-máquina, seja via internet, realidade virtual, RPGs, etc. (AMARAL, 2003, p.4).

Para Bukatman (1998), a ficção científica ganha, cada vez mais, importância no momento cultural presente por ser este um momento que vê a si próprio como ficção científica, ou, nos termos de Baudrillard, um tempo hiper-real. Esse presenteísmo encontra-se no centro de uma cultura em transformação. O autor inglês fala que a ficção científica oferece um modo de representação alternativo, mais adequado à sua era, tentando recolocar um quadro filosófico e metafísico em torno dos eventos mais importantes dentro das nossas vidas (AMARAL, 2003, p.5)

Depreende-se que a hiper-realidade está presente no *cyberpunk*, um típico gênero pós-moderno de literatura, em que a construção de realidades e a integração entre homem e tecnologia constroem este universo.

5.4 Queda das Grandes Narrativas

Para Cooper e Burrell (2007) as características que envolvem a queda das grandes narrativas decorrem de uma perda das referências modernistas que buscavam um consenso. A falta de referências tende a criar uma instabilidade e o dissenso se torna frequente. Harvey (1992) complementa que o pós-modernismo caracteriza-se pela sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico presente na vida contemporânea e da perda de referências do passado.

Kreiner (1992) destaca, nos estudos organizacionais sob a ótica pós-moderna, o uso de um trabalho coletivo e a discordância sob a ideia que as organizações são tecnicamente máquinas racionais, celebrada pelas grandes narrativas que lançam ideias de eficiência e conformidade tanto nas pesquisas empíricas quanto teóricas do campo organizacional.

Nos estudos organizacionais, tal característica é evidenciada por Hassard, Tonelli e Alcadipani (2000) quando descrevem o *self* do gerente minuto, onde o gerente se constrói e reconstrói, por meio das narrativas do eu (autorreferência), mostrando assim, claramente, a característica aqui discutida, marcadamente pós-moderna.

Nos Estudos Literários de Garcia (2005) encontram-se traços de tal característica ao descrever os quadrinhos pós-modernos em que o herói cheio de virtudes, valores, justo, em busca da paz universal da modernidade, torna-se algo inviável, e é somente através da ultraviolência que os heróis se prevalecem nestas histórias, como se verifica no trecho a seguir:

A ultraviolência é talvez a característica mais marcante dos heróis das histórias em quadrinhos depois de 1980. Isso é facilmente explicado pela falência da sociedade civil e pelo descrédito do cidadão comum na lei, que é vista por ele apenas como algo que pode prejudicá-lo, nunca ajudá-lo. Nesse tipo de sociedade, a única garantia que o cidadão tem é a que ele impõe, pelo uso da violência (uma realidade tanto para quem mora no Bronx, quanto no Jacarezinho, por exemplo). Mas, essa mesma sociedade chegou a um gigantismo tentacular, onde o uso da violência, embora seja a única solução possível, não constitui solução para os problemas, já que eles também são imensos, resumidos na frase cínica, que constantemente aparece em filmes: Prender para quê? Outros virão ocupar o lugar deste; o que não falta é bandido. Desse modo, o herói violento não tem objetivos, ou quando os tem, é apenas de se livrar dos seus problemas imediatos; ou, ainda, ele é parte do problema, usando a violência não para defender-se ou para defender os direitos do cidadão, mas por ser uma pessoa violenta, incontrolável, um psicopata homicida (GARCIA, 2005, p.131-132).

Dessa forma, esse trecho evidencia a falta de referências, valores e possíveis soluções. A sociedade se torna inviável e só a violência se apresenta como possibilidade, o que mostra claramente o dissenso e a instabilidade que evidenciam esta característica pós-moderna.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou apresentar não apenas as características do paradigma pós-moderno nos estudos organizacionais, mas também como o paradigma se desenvolve nos estudos literários, com o intuito de mostrar as relações existentes nestas diferentes áreas do saber.

Dessa forma, entendemos que o objetivo de trazer maiores reflexões sobre o paradigma pós-moderno, trazendo um novo olhar para tal tema, por meio não só de se abordar as características nos estudos organizacionais, mas também nos estudos literários, ressalta a importância deste paradigma, que com frequência é marginalizado em vários campos do conhecimento.

Como limitação deste estudo podemos afirmar que seja o fato de este ser eminentemente teórico e utilizar todo o seu arcabouço epistemológico e analítico para refletir sobre textos das áreas organizacionais e literárias e não estudar as práticas organizacionais, o que traria maior consistência para aceitação do paradigma pós-moderno. Além disso, outra limitação do estudo está na definição em estudar uma única perspectiva epistemológica, o pós-modernismo, deixando de lado várias outras perspectivas epistemológicas ou perspectivas multiparadigmáticas.

Assim, damos um passo para a existência de futuros estudos que reflitam tal paradigma epistemológico, trazendo uma combinação de várias áreas de conhecimento para termos olhares diferentes para o tema.

Além disto, podemos buscar estudos nos ambientes organizacionais para analisar, na prática, as características do pós-modernismo, e mostrar suas reflexões e debates no âmbito das organizações contemporâneas.

Isto pode ocorrer a partir da utilização das características pós-modernas utilizadas neste artigo tais como: ironia, identidades fragmentadas, hiper-realidade e queda das grandes narrativas em contextos de práticas organizacionais dos ambientes mais diversos.

Detalhando como poderiam ser tais pesquisas futuras: uma possibilidade poderia ser estudar como a ironia e o cinismo aparece em certos ambientes e relações dentro das organizações. Outros estudos poderiam ocorrer em relação a uma análise sobre a complexidade dos indivíduos e suas relações com o ambiente organizacional (identidades fragmentadas). Pesquisa sobre a hiper-realidade visando compreender as relações entre concreto e o virtual em certas organizações poderia ser outra possibilidade. E, também, propor estudos que visem compreender o dissenso que existe nas organizações pós-modernas, seja por sua descontinuidade, efemeridade ou situação caótica e fragmentada, presentes na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- AHPONEN, P. Signifying the Signs-Simulating Cultural Political Subjectivity in Posmodernity. **Acta Sociologica**, v.33, n.4, p.341-357, oct.1990.
- ALASTUEY, E. B. Fragmentos de la realidad social posmoderna. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, v.102, p.9-46, 2003.
- ALVES, M. A.; GALEÃO-SILVA, L. G. Vire-se, Zé-Ninguém! A difícil construção da identidade em organizações pós-fordistas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 24, 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2000. CD-ROM.
- ALVESSON, M. The Meaning and Meaninglessness of Postmodernism:Some Ironics Remarks. **Organization Studies**, v.16, n.6, p. 1047-1075, nov.1995.
- ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. **Handbook de Estudos Organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. v.1, 5a. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2010.
- AMARAL, A. **Cyberpunk e pós-modernismo**. Portugal, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaral-adriana-cyberpunk-posmordenismo.pdf>>. Acesso em 18 nov. 2011.
- ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ANTÔNIO, R. J. After postmodernism: reactionary tribalism. **The American Journal of Sociology**, v.106, n.2, p.40-87, jul. 2000.
- BAUDRILLARD, J. **Contraseñas**. Trad. Joaquin Jordá. Barcelona. Editorial Anagrama, 2002.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BEST, S.; KELLNER, D. **The postmodernism turn**. Nova York: Guilford Press, 1997.
- BOGASON, P. Postmodernism and american public administration in the 1990s. **Administration & Society**, v.33, n.2, p.165-193, may, 2001.
- BOISOT, M.; MCKELVIE, B. Integrating Modernist and Postmodernist Perspectives on Organizations: a complexity science bridge. **Academy of Management Review**, v.35, n.3, p.415-433, jul. 2010.
- BROWN, S. Postmodern Marketing? **European Journal of Marketing**, v.27, n.4, p.19-34, oct. 1993.
- BUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **The politics of postmodernism**. 2. ed. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2003.

CALÁS, M.; SMIRCICH, L. Past postmodernism? reflections and tentative directions. **Academy of Management Review**, v.24, n.4, p.649-671, oct. 1999.

CASTELO, M. G.; CARVALHO, J. L. F. S. Reality shows e jogos (hiper) reais do espetáculo organizacional. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 3, 2004, Atibaia. **Anais...** Atibaia: ANPAD, 2004. CD-ROM.

CESCA, A.C.; GONÇALVES R. A revanche de Capitu numa perspectiva pós moderna. **Revista Eletrônica Lato Sensu Unicentro**, v.7, n. 1, p. 1-7, mar. 2009.

CHARTERS, S. Aesthetic Products and Aesthetic Consumption: A Review. **Consumption, Markets and Culture**, v. 19, n.3, p.235–255, jul. 2006.

CHIA, R. From Modern to PostmodernOrganizational Analysis. **Organization Studies**, v.16, n.4, p.579-604, oct. 1995.

COOPER, R.; BURREL, G. Modernism,Postmodernism and Organizational Analysis: an introduction. **Organization Studies**, v.9, n.1, p.91-112, jan. 1988.

_____; _____. Modernismo, pós-modernismo e análise organizacional uma introdução. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. **Teoria das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.

CONNOR, S. **Cultura pós-moderna. Introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 1993.

CYNTRÃO, S. H. **O lugar da poesia brasileira contemporânea: um mapa da Produção**, 2007. Disponível em: <unb.revistaintercom.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/.../128.pdf>. Acesso em 4 nov. 2011.

DUFOUR, D. R. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FARIA, A.; CARVALHO, J. L. F.S. Teatro corporativo e estratégias espetaculares: em busca de uma abordagem dramaturgica. **O&S**, v.13, n. 38, p. 73-89, jul./set, 2006.

FEATHERSTONE, M. Moderno e Pós-moderno: definições e interpretações sociológicas. **Sociologia Problemas e Práticas**, n.8, p.93-105, set.1990.

FIRAT, A. F. Postmodernism and the Marketing Organization. **Journal of Organizational Change Management.**, v.5, n.1, p.79-83, jan.1992.

_____; VENKATESH, A. Liberatory Postmodernism and the Reenchantment of Consumption. **Journal of Consumer Research**, v.22, n. 3, p.239-267, dez.1995.

FISCHER, T. et al. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 5, p. 935-956, set./out, 2007.

FOX, S.; COOPER, R.; MARTINEZ, L.T. Postmodern Management and Organization The Implications for Learning. **Int. Studies of Management & Org**, v.22, n.2, p.3-14, apr.1992.

FRANKLIN, P. Thinking of strategy in a postmodern way Towards an agreed paradigm-part 1. **Strategic Change**, v. 7, n. 6, p.313-332, sep./oct. 1998.

GARCIA, A. O pós-modernismo nas histórias em quadrinhos. **Solettras**. v.5, n.10, p. 130-138, jul./dez., 2005.

GEYH, P. E. Assembling postmodernism: experience, meaning, and the space in-between. **College Literature**, v.30, n.2, p. 1-29, apr./ jun. 2003.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASCH, S. **Modernidade reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

GROENKE, S. L.; YOUNGQUIST, M. Are we postmodern yet? reading monster with 21st-century ninth graders. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v.54, n.7, p.505-513, April. 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HASSAN, D. Dissent in the Postmodern Age. **The Kenyon Review**, v.15, n.1, p.1-18, jan. 1983.

HASSARD, J. Postmodern Organizational Analysis: toward a conceptual framework. **Journal of Management Studies**, v. 1, n.3, p.303-324, Jul.1994.

HASSARD, J.; TONELLI, M. J.; ALCADIPANI, R. Pós-modernidade, teoria organizacional e o self do gerente minuto. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDO ORGANIZACIONAIS, 1, 2000, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2000.

HICKS, S. R. C. **Explicando o Pós-modernismo:ceticismo e socialismo de Rousseau a Foucault**. São Paulo: Callis Editora, 2011.

JAMESON, F. **A virada cultural: reflexões sobreo pós-moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JOHNSTONE, J. Postmodern Theory/Postmodern Fiction. **Clio**, v.16, n.2, p.139-158, jan. 1987.

KERDEMAN, D. Between memory and différance: (radically) understanding the other. **Educational Philosophy and Theory**, v.31, n.2, p.225-229, apr. 1999.

KILDUFF, M. MEHRA, A. Postmodernism and organizational research. **Academy of Management Review**, v.22, n.2, p.453-481, apr. 1997.

KNIGHTS, D. Organization Theory in the Age of Deconstruction: dualism, gender and postmodernism revisited. **Organization Studies**, v.18, n.1, p.1-19, jan.1997.

KREINER, K. The Postmodern Epoch of Organization Theory. **Int. Studies of Management & Org.**, v.22, n.2, p.37-52, apr.1992.

LIN, C. H. Personality, Value, Life Style and Postmodernism Consumer Behavior: a comparison among three generations. **International Journal of Organizational Innovation**, v.25, n.3, p.203-230, jul. 2011.

MAFFESOLI, M. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlantica Editora, 2004.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. 4. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARSHAK, R. J.; GRANT, D. Organizational Discourse and New Organization Development Practices. **British Journal of Management**, v.19, n. 1, p.7-19, mar. 2008.

MARTINS, J.E. **Enquanto Isso em Dom Casmurro**. Blumenau:Edifurb, 2009.

NATOLI, J. P.; BUTCHEON, L. **A postmodern reader**. Albany: State University of New York Press, 1993.

NOOTEBOOM, B. A Postmodern Philosophy of Markets. **Int. Studies of Mgt. & Org.**, v.22, n.2, p.53-76, apr.1992.

PALMER, R. E. Postmodernity e hermeneutic. **Boundary 2**, v.5, n.2, p.363-393, apr.1977.

PAPOULA, T. O pós-moderno ou a estética do paradoxo: uma leitura de o bosque harmonioso de Augusto Abelaira. **Revista Vertentes**. v. 2, n. 34, p. 1-15, jul/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal-epositorio/File/Vertentes34/Talita%20Papoula.pdf>>. Acesso em 27 nov. 2011.

PARKER, M. Critique in the Name of What? Postmodernism and critical approaches to organization. **Organization Studies**, v.16, n.4, p.553-564, oct./dec. 1995.

PÉRON, M.; PÉRON, M. Posmodernism and the socio-economic approach to organizations. **Journal of Organizational Change Management**, v.16, n.1, p.49-55, jan.2003.

PESCOSOLIDO, B. A.; RUBIN, B. A. The web of group affiliations revisited: social life, postmodernism and sociology. **American Sociological Review**, v.65, n.1, p.52-76, feb. 2000.

PRYTHON, A. Estudos culturais: uma (in)disciplina. **Comunicação e Espaço Público**, v. 6, n. 1, p. 134-141, jan./mar. 2003.

SCHULTZ, M.; HATCH, M. J. Living with multiple paradigms: the case of paradigm interplay in organizational culture studies. **Academy of Management Review**, v.21, n.2, p.529-557, apr. 1996.

SCOTT, L. M. Playing with Pictures: postmodernism, poststructuralism and advertising visual. **Advance in Consumer Research**, v.19, p.596-612, 1992.

SURYANINGRUM, D. H.; ANWAR, S. Beauty and the Beast: accounting hyperreality and reality – a Baudrillardian postmodernism review on goodwill. **Global Conference on Business and Finance Proceedings**, v.7, n.2, p.107-118, apr.2012.

THIRY-CHERQUES, H. R. Baudrillard: work and hyperreality. **RAE-eletronica**, v.9, n.1, art. 8, p. 1-11, jul./dez. 2010.

TSOUKAS, H. Postmodernism, Reflexive, Rationalism and Organizational Studies: a reply to Martin Parker. **Organization Studies**, v.13, n.4, p.643-649, oct./dec.1992.

VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **Revista de Administração de Empresas**, v.46, n.1. p.59-70, jan./mar. 2006.

VILLARI, R. A. Da Necessidade a demanda: produzindo Sujeitos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.24, n.4, p.22-29, out./dez. 2004.

WEISS, R. Taking science out of organization science: how would postmodernism reconstruct the analysis of organizations? **Organization Science**, v.11, n.2, p.709-731, nov./dec. 2000.